

## *Tradução*



## A poesia das paredes de Cecilia Pavón<sup>1</sup>

**Tradução:**

Beatriz Rodrigues Machado<sup>2</sup>

Thiago Henrique da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

La poesía de las paredes (em português A poesia das paredes) é uma coluna-ensaio escrita por Cecilia Pavón, escritora argentina conhecida por seus poemas e sua anterior atividade na galeria Belleza y felicidad. O texto reflete sobre a conexão das pessoas no mundo atual com a literatura e com as outras pessoas, a reflexão se desenvolverá a partir do relato de uma participante de uma das oficinas de poesia de Cecilia Pavón que relata à escritora que sua amiga só fazia poesia se fosse escrita nas paredes da cidade. O que é a literatura e o que são os ritos envolvidos no fazer literário são temas que se apresentam nesta obra.

**Palavras-chave:** Cecilia Pavón, literatura contemporânea, literatura argentina, performance.

### 1. A poesia das paredes

Há algumas semanas, numa de minhas oficinas, Vicky, uma grande poeta de 18 anos, comentou que um professor os havia feito ler Fiestas baños y exilios. Los gays porteños en la última dictadura, de Modarelli e Rapisardi. O livro narra por meio de relatos a forma em que os gays se organizaram para ter encontros clandestinos nos lugares mais inusitados, mostrando como a resistência pode adotar formas inesperadas que tornam políticas as

<sup>1</sup> **Cecilia Pavón:** Cecilia Pavón nasceu em Mendoza, mas mora em Buenos Aires. Foi em Buenos Aires que cursou letras e foi em Buenos Aires também que criou junto com Fernanda Laguna o projeto Belleza y Felicidad. Tem diversos livros publicados, entre poesia e prosa: no Brasil seu primeiro lançamento foi a coletânea de poemas Discoteca Selvagem, editora Jaboticaba e, agora, Fantasmas Bons pela editora Macondo. Cecília é escritora, performer e tradutora de literatura contemporânea.

<sup>2</sup> **Beatriz Rodrigues Machado:** graduanda do curso de Letras da Unifesp, é monitora de Teoria Literária e parte do Laboratório de Práticas de Escrita da Unifesp. [parabeatrizrodrigues@gmail.com](mailto:parabeatrizrodrigues@gmail.com).

<sup>3</sup> **Thiago Henrique da Silva:** Thiago Henrique é graduando em Letras português-francês pela Unifesp e tem se dedicado à pesquisa na subárea de teoria literária estudando as tensões entre escrita e performance. É membro do Lapes (laboratório de práticas de escrita). **e-mail** [escreverparaothiago@gmail.com](mailto:escreverparaothiago@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0002-9545-2995>.



práticas cotidianas. Vicky, que nasceu no mesmo ano em que se publicou o livro, arregalava bem os olhos ao falar do relato desses encontros; em sua voz havia um leve resquício de um anseio paradoxal “Que incrível que as pessoas se juntassem assim, nada a ver com o que rola hoje”, disse, e depois leu um poema em que estava caminhando com uma amiga pela praia e lhe dizia, vez ou outra, que deixasse de olhar o telefone e que olhasse o mar. Não acredito que nenhum gen z pense que a última ditadura tenha sido uma boa época, mas não há dúvida de que muitos vivenciam com ambiguidade a hipermediatização com que despertaram para o mundo. Por um lado têm à sua disposição todo o conhecimento acumulado pela humanidade através de bancos de dados e bibliotecas infinitas assim como muitas ferramentas precisas e gratuitas para criar obras de arte ou o que quiserem; por outro lado, já não é suficiente a digitalização da existência, precisam de alguma forma se reconectar com o real, seja lá que o signifique o real, mas que de alguma forma transcenda as telas. Quiçá, precisamente por essa razão, (a eles) já não é suficiente a ideia da poesia que se esgota em uma página. Esse dia Vicky também falou de uma amiga sua que só escreve em paredes da rua, leva sempre um lápis no bolso de sua jaqueta, e o tira quando encontra um lugar apropriado e escreve algum dos versos que esteve elaborando em sua cabeça durante horas, dias ou meses. Essa menina, cujo nome eu nunca soube, é contra publicar em livros e considera que a poesia só pode ser expressa no próprio corpo da cidade. Quando escutei essa história, fui eu quem arregalei os olhos: Não importa se essa excêntrica cultora da poesia das paredes existe ou se é alguma personagem dum futuro romance de Vicky. Quando nesse dia me despedi dos participantes da oficina na porta da minha casa, pensei: que sorte que a poesia se transforma sempre em algo diferente na mente e no coração das pessoas.

Há pouco, tive a honra de ser convidada ao Noveno Encuentro de Poesía Latinoamericana em Bahía Blanca. E uso esta expressão que pode soar feito uma fórmula vazia com toda a literalidade do termo. Foi de verdade uma sorte para mim ser parte desse encontro. Não só porque ouvi textos geniais e conheci gente maravilhosa mas sobretudo porque voltei duvidando de tudo que tenho escrito. Assim que pus os pés na estação de Retiro e disse a mim mesma: “vou abandonar todas as ideias que tenho sobre o que é um poema e vou começar do



zero” (“Hay que escribir contra una misma”, me disse Tamara Kamenszain no último dia do encontro, durante durante a leitura de encerramento no parque el algarrobo, uma área de Bahía Blanca recuperada pelos vizinhos, onde Susy Schok encerrou o festival dizendo “Eu reivindico meu direito de ser um monstro” ao som de seu bumbo). Obviamente não vou conseguir escrever contra mim mesma, mas eu gostaria de tentar, depois de tudo, não deveria ser a literatura um lugar privilegiado para abandonar ideias antigas? Que um festival literário seja um espaço de pensamento que põe em dúvida/cheque a própria práxis e não um mero desfile de autores (abro e fecho aspas infinitas) consagrados, que vendem livros, é nesta época de industrialização extrema da cultura, um verdadeiro luxo. Não sei porque tenho a impressão que os festivais de vanguarda tem lugar nas províncias e não na cidade de Buenos Aires.

E não só encontros literários de vanguarda, também museus de vanguarda, há em Bahía Blanca. No segundo dia de festival, nós xs poetas convidadxs fomos entretidos pelos vizinhos no Museo del Puerto de Ingeniero White. Em um meio dia ensolarado e de vento, visitamos esse pequeno museu instalado numa antiga dependência da ferrovia de chapa e madeira. Este museu é conhecido por sua abordagem da história em que passado, presente e futuro se combinam unindo fantasia e realidade, teoria e práxis, de um jeito único. Enquanto comíamos massa caseira com molho de marisco, cozinhado por eles, os vizinhos leram um grande poema coletivo que compunham há muito tempo em reuniões chamadas “Encontros de escrita macarrônica”, a partir de lembranças de refeições preparadas na comunidade por familiares e amigos. Um momento antes, havíamos visitado outro museu vanguardista da zona, o museu FerroWhite, localizado junto a uma antiga usina elétrica abandonada há quase trinta anos e em ruínas. Apesar de estar em ruínas, o edifício construído em 1932 é imponente e seu estilo imita um castelo medieval. Quando passamos, uns meninos da cidade que participavam de uma oficina de arte comemoravam o aniversário do castelo abandonado. De pé em roda junto a entrada fechada sopraram as velinhas de um bolo e cantaram parabéns a ele.

Há pouco, Adriana Reines, uma poeta dos Estados Unidos, me disse em uma das tantas conversas que tivemos enquanto estava visitando Buenos Aires: “Como fazer com que a poesia que escrevemos não se transforme em mera produção de conteúdo para as redes sociais?”.



Nesse sentido, acho que as memórias sobre as refeições recitadas pelos vizinhos de Ingeniero White e os meninos cantando feliz aniversário a um castelo abandonado foram os melhores “poemas” que escutei em Bahía Blanca. Me fizeram pensar que a poesia está em toda parte, que está acima de tudo fora de mim, algo que sempre esqueço. São poemas sem autor que seguramente não serão colocados em nenhuma antologia de poemas dos anos 2010 e que ninguém poderá consultar numa biblioteca física ou virtual, mas estavam carregados de uma ritualidade luminosa; e para que os textos vivam e respirem haveria de escrevê-los sempre em meio a um rito. “Para iluminar, há de se pegar fogo”, disse também Susy Shock em sua leitura de encerramento.

Enquanto escrevo isso, me chega uma mensagem por Whatsapp em que xs garotxs de minha outra oficina falam de se reunir para ir ver uma obra em que Yasmina e Milagros, diretoras e atrizes da peça, recitam poemas de Perlongher. Penso em como os poemas são criaturas imateriais que não se sabe bem porquê e nem onde exatamente nascem, e que têm a capacidade de se misturar ao mundo material das formas mais inesperadas. Como tenho que terminar esta nota e além disso traduzir sessenta páginas de um romance (trabalhos que faço para sobreviver) não poderei ir ao espetáculo de Yasmina e sinto que vou perder algo incrível; a forma em que as duas garotas se apropriaram de textos escritos há várias décadas e povoaram o ar da sala de um teatro de Palermo em 2019. Cada leitura de poesia é um fato irrepetível, será essa a forma de arte do futuro? No futuro, quando não houver mais eletricidade ou combustíveis fósseis, quando todas as indústrias, a do livro incluso, tiverem acabado, talvez só nos reste nos encontrar para lermos poemas em roda com gente de perto.

## 2. Referências

PAVÓN, Cecilia. **La poesía de las paredes**. La agenda, Revista, 2019. Disponível em: <<https://laagenda.tumblr.com/post/188493212800/anatom%C3%ADa-de-un-instante-la-poes%C3%ADa>>. Acesso em: 01/12/2023.

